

# CEM N.º 8

## CULTURA, ESPAÇO & MEMÓRIA

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço & Memória» (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)/ Edições Afrontamento

Directora: Amélia Polónia

Editores do dossier temático: Luís Fardilha

Foto da capa: fuselog

Design gráfico: [www.hldesign.pt](http://www.hldesign.pt)

Composição, impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda.

Distribuição: Companhia das Artes

N.º de edição: 1877

Tiragem: 500 exemplares

Depósito Legal: 321463/11

ISSN: 2182-1097-08

Periodicidade: Anual

Revista sujeita a *peer-review*.

Revista indexada em: DOAJ, Fonte Académica (EBSCO), Academic Journals Database e Google Scholar.

A edição *online* respeita os critérios do OA (*open access*) disponível em: <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id1349&sum=sim>

Dezembro, 2017

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

# IMPOSSÍVEL É NÃO VIVER (JOSÉ LUÍS PEIXOTO) O QUE NOS MOSTRAM AS CARTAS

ISABEL PEREIRA LEITE\*

**Resumo:** O presente artigo é composto por duas partes distintas. Na primeira o principal objetivo prende-se com a contextualização da prática epistolográfica. De acordo com Roger Chartier, entre o século XVI e o século XVIII, as sociedades ocidentais foram desenvolvendo uma cultura única da palavra escrita. Até então, apenas podemos considerar elites bem circunscritas. A partir do século XIX, no entanto, a multiplicação de registos escritos, independentemente de qualquer tipologia, atinge transversalmente níveis inimagináveis algum tempo antes. Convém, porém, não esquecer que, como afirma Michel de Certeau, é o leitor quem confere significado ao texto. Na segunda parte deste artigo, surgem exemplos concretos do que entendemos ser o fio condutor que nos une através dos séculos. Entre as cartas de vultos tão afastados no tempo e tão diversos nos seus interesses, o que poderá haver de comum? Santo Agostinho, Felipe II, Mozart, Vieira da Silva, entre mais de duas dezenas de outros nomes assinados em folhas de papel, testemunham momentos de dúvidas e certezas; de guerra e de paz; de saudade e reencontro. Em suma, mesmo na adversidade, prezam a vida.

**Palavras-chave:** Epistolografia; cartas íntimas; cartas pessoais; cultura escrita.

**Abstract:** In conceptual terms, there are two main parts in this text. The first one contextualizes the practice of writing letters. As Roger Chartier says, between the XVI and the XVIII centuries, the western societies developed a rather unique practice in which the written word emerges. Before that, it was more or less in the realm of the elites. However, from the XIX century on, all kinds of written registers, apart from any specific classification or typology, become common among social groups that, by definition, were not at all connected with the practice of writing letters. The second part is made up of various examples of letters written by very different people in very diverse spaces and centuries. Do these letters have anything in common? Are they very different from each other, considering feelings regardless its contextualization? What do their authors expect? And, in the end, what is the quality that impresses us most? Surely the pure and simple understatement everyone clearly leaves us: we are all human beings. That is the guideline printed in all the 23 letters chosen.

**Keywords:** Epistolography; intimate letters; personal letters; written culture.

*As cartas são o lugar onde as palavras vão quando querem viver*

Nuno Miguel Guedes<sup>1</sup>

A correspondência privada constitui um testemunho pessoal que se consubstancia não só no que nos transmite sobre quem escreve uma carta – o seu perfil autobiográfico, como também no que nos permite apreender do contexto spatiotemporal em que vive(u) o seu autor.

A crítica genética, da qual não pretendemos ocupar-nos aqui, encontra na carta um «terreno fértil» a partir do qual é possível reconstituir o processo criativo, tecendo considerações que concorrem para o estabelecimento de um quadro conceptual.

O género epistolar «constitui um testemunho ímpar da autenticidade das relações pessoais, culturais e sociais de uma época ou de um autor. Se a função da obra literária é

---

\*CITCEM/FLUP. Email: carpe.diem.ipl@gmail.com.

<sup>1</sup> GUEDES, 2012: 102.

problematizar a vivência de uma cultura, o discurso epistolar quotidiano traduz a vivência dessa cultura. É a visão pessoal e a narração dos momentos vividos numa tripla aceção: o passado memorizado, o presente vivido e o futuro esperado e desejado»<sup>2</sup>.

Como se de um tecido estampado se tratasse, a análise atenta de uma carta permite descobrir cambiantes coloridos, desenhados com maior ou menor nitidez e complexidade pelo autor – tecelão, que o faz abrigado do mundo, de forma intimista.

Os excertos das cartas que escolhemos, e que adiante apresentamos, são excelentes testemunhos da singularidade que transversalmente se impõe, por, como intérpretes atentos, nos ser inevitável captar o pensamento e seguir o rumo definido por quem assina o seu nome numa folha de papel. Espelhando o quotidiano, surgem, ao longo deste artigo, como enunciado do dia-a-dia. Ao seguimento que lhes é dado subjaz a vontade de eliminar principalmente as barreiras do tempo, tornando perceptível o que, de facto, é de todos os tempos e de todos os lugares: a diversidade que é elo de união, pela comunhão de ideias e sentimentos. O «eu» e o «outro» em diálogo – confissão comunicam não só entre si como também connosco.

A cidade tem hoje dificuldade em reconhecer a verdadeira alteridade, por ser tendencialmente massificadora, sendo o parecer sobreponível ao ser. Tornou-se no espaço em que o «eu» é aquele que o «outro» vê e conhece no seu contexto limitador. Por isso, é na intimidade que o «eu» se revela mais facilmente. «Arendt é clara: «Só no completo silêncio e na total passividade é que alguém pode ocultar quem é»; as palavras e os actos dão como que um nome ao corpo, separam-nos dos outros homens e coisas: ninguém age e fala como eu e é por essa razão que existo. A existência individual é uma diferença de discurso e uma diferença de acções [...]»<sup>3</sup> escreve Gonçalo M. Tavares. Continuando, explica que é este facto uma marca fundamental do humano que a cidade vai eliminando justamente porque ao uniformizar o vocabulário, elimina a possibilidade da utilização exclusiva e individual das palavras.

*A cidade moderna é assim uma incansável exterminadora desse discurso individual [...] Uma cidade é, de certa maneira, definida por um discurso e uma acção. Um único discurso e uma única acção. Tudo o resto são excepções que a cidade consegue facilmente diluir [...]»<sup>4</sup>.*

Escrever uma carta é, normalmente, um acto solitário, íntimo, pessoal. Prática de séculos, vai-se tornando rara, como sem qualquer dificuldade constatamos, bastando, para isso, olhar à nossa volta. Em que caixas do correio são deixadas cartas? Quem é que ainda envia postais quando se ausenta por um tempo mais longo? E quem é que tem sempre à mão papel e caneta, preferindo-os a um qualquer teclado? «As formas epistolares electrónicas do nosso tempo carecem da verdade do manuscrito. A mais arrebatada declaração transforma-se numa notificação das Finanças»<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> SEARA, 2006: 19.

<sup>3</sup> TAVARES, 2007: 100.

<sup>4</sup> TAVARES, 2007:102.

<sup>5</sup> GUEDES, 2012: 103.

Todavia, quem é que não gosta de receber uma carta, por breve que seja, dentro de um envelope escrito à mão? Terá a cidade aniquilado a originalidade que cada um tem como seu apanágio? É nesta originalidade que acreditamos, já que temos como certo que não há duas pessoas iguais. Paradoxalmente, e apesar de cada um se ver como único, não deixa de ser verdade que são os escritores e os poetas os que se vão afirmando pela utilização diferenciada das palavras.

Quanto à cidade, que nem mesmo escreve cartas, o que dizer? Que a originalidade não passa de uma falácia? «“Nunca um escrito saiu de qualquer mão que se não tornasse um fruto vivo”, avisava há quatro séculos D. Francisco de Portugal. Como explicar isto a uma geração que escreve “axo q t amo”?<sup>6</sup> Talvez falte o completo silêncio; talvez falte a total passividade que Hannah Arendt entendia serem imprescindíveis. Porque a cidade nos impede de os procurar ou porque nos convencemos de que já os encontramos? D. Francisco de Portugal, ao pensar em escritos, não imaginava um mundo sem cartas, por isso para todos olhava como frutos vivos. Na verdade, a mão que escreve «axo q t amo» não é uma mão inerte e sem vida. Mas é, com certeza, uma mão que não escreve nem recebe cartas...

É de cartas que pretendemos falar. De cartas que atravessaram séculos e foram, posteriormente a terem sido escritas, resgatadas das forças do esquecimento, porque, afinal, a cidade não quer esquecê-las, por mais diluídas que, no seu seio, hoje se mostrem as práticas discursivas individualizadas.

*As in Antiquity, when the earliest letters were concerned with factual rather than private affairs, medieval letters were often intended to be read by more than one person even at the time they were written. They were therefore designed to be correct and elegant rather than original and spontaneous, and they often followed the form and content of model letters in formularies, of which the influence on letter-writing has not entirely vanished even today<sup>7</sup>.*

De acordo com Roger Chartier, entre o século XVI e o século XVIII, as sociedades ocidentais foram desenvolvendo uma cultura única da palavra escrita. Mas o domínio da leitura e da escrita estava bem longe de qualquer nivelamento, existindo abissais diferenças que persistiram, e, de certo modo, ainda persistem, entre as diversas regiões, grupos sociais e sexos. Mas, pelo menos, havia quem lesse, soubesse registar factos, e, por exemplo, escrevesse cartas, isto já fora do âmbito das costumadas elites.

Na opinião de Anne-Marie Quint, a correspondência privada, as cartas pessoais trocadas entre pais e filhos, irmãos, amantes, amigos separados são, em Portugal, já no século XVI e mais ainda no século XVII, espelho de momentos de verdadeira partilha – preocupações, inquietações, saudades... Progressivamente, a escrita vai-se tornando mais aprimorada, deixando para trás uma matriz vincadamente associada à oralidade. A linguagem é mais contida, polida, pensada, apresentando, até, por vezes, um certo tom

<sup>6</sup> GUEDES, 2012: 102.

<sup>7</sup> CONSTABLE, 1976: 11.

erudito. Entre o que se diz e o que se escreve, o certo é que se vai conseguindo criar, fruto do esforço de literatos que se vão encarregando disso, uma certa estética<sup>8</sup>.

Um estatuto social elevado e uma sólida instrução nem sempre eram características presentes num mesmo indivíduo. Por isso, existiam secretários que escreviam cartas que os seus pseudo-autores apenas assinavam no fim. Alguns, mesmo a custo... Com o tempo, foram, então, surgindo literatos que compunham «formulários» a partir dos quais eram escritas cartas adequadas a diversas circunstâncias. À coleção de tais formulários chamava-se Secretário. «O Secretario Portuguez», de Cândido Lusitano (1719-1773), por exemplo, composto na primeira metade do século XVIII, viu a luz do dia no ano de 1745, ao ser impresso em Lisboa.

Já em pleno século XIX, surgem os primeiros «manuais» recheados de fórmulas e modelos destinados a quem procurava rapidamente escrever de modo claro e perceptível, digamos que com objectividade e pragmatismo. Referimo-nos aos códigos de bom tom e aos códigos epistolares, que vão proliferando por essa Europa fora.

Um interessantíssimo caso, que vale a pena mencionar, é o do «Código Epistolar oferecido à mocidade portugueza e brasileira» por José-Ignacio Roquete, que o faz imprimir em Paris, em 1846. Dividido em capítulos, que constam de um pormenorizadíssimo índice, começa por uma «Carta Nuncupatória», na qual Roquete detalhadamente explica a quem oferece a obra e justifica o seu interesse com o facto de ser necessário ensinar a arte de bem escrever cartas.

Depois de referidos os modos de tratamento a utilizar junto das hierarquias eclesiásticas e seculares, são apresentados pelo autor os que considera serem os melhores exemplos que conhece de cartas escritas com os mais diversos propósitos.

Assim, a par de cartas morais e exortatórias a cartas de repreensão e vitupério; de cartas afectuosas e sentimentais a cartas de petição e súplica; de cartas de negócios particulares e domésticos a cartas comerciais sobre negócios de compra e venda, desfilam perante nós, como seus autores, para além dos clássicos, que continuam a ser referência, personagens de refinado gosto como Frei António Brandão, S. Gregório de Niza, Padre António Vieira, Galileu, Afonso de Albuquerque, Luís XIV, Madame de Maintenon, entre muitíssimos outros. O próprio Roquete apresenta cartas por ele redigidas com o intuito de orientar os leitores. São cerca de 650 páginas organizadas de forma lógica e clara.

Convém, porém, não esquecer que, como afirma Michel de Certeau, é o leitor quem confere significado ao texto. Este será sempre alvo de interpretações várias, para além da que se configura na intenção de quem o escreve. Os 23 nomes que assinam as cartas cujos excertos se seguem marcaram, de formas muito diversas, o seu tempo. E porque assim foi, as palavras que escreveram ainda hoje são impressivas e nos fazem refletir sobretudo no que nos une.

Julgamos ser pertinente gizar uma tipologia para enquadrar as cartas que escolhemos. Há cartas que relatam viagens – as de Pero Vaz de Caminha e de Pablo Neruda; cartas marcadamente autobiográficas, destacando-se as da Rainha Vitória, de Paulo

---

<sup>8</sup> QUINT, 2004: 12; 26.



Varela Gomes, de António José Saraiva e de Umberto Eco; cartas de cariz religioso, como a de Santo Agostinho; cartas de crítica social, à semelhança da que é escrita por Fradique Mendes/Eça de Queirós; cartas de amor – as de António Lobo Antunes, de Fernando Pessoa, de Maria Helena Vieira da Silva, de Árpád Szenes, de Sigmund Freud, de Mozart e de Stephin Merritt; cartas de aconselhamento, como as de Maria Teresa da Áustria, do Marquês de Fronteira e de Luís Pereira Leite; cartas de súplica nas quais se enquadra a de Alice More; cartas dirigidas aos filhos, sendo um bom exemplo a de Felipe II; cartas de cariz científico – as de Albert Einstein, de Anna Seghers e de György Lukács.

Ao fazê-lo, todavia, não deixa de nos parecer que a correspondência trocada em contextos privados é algo que escapa, pelo enorme cunho pessoal que encerra, a padrões pré-definidos. Todas as cartas, ou melhor dizendo, todos os excertos de cartas mencionados neste texto têm essa característica. Com o propósito de ir revelando esse cunho, por um lado, enquanto por outro se vai demonstrando como se entrosam os sentimentos de seres tão diferentes e tão distantes entre si no tempo e no espaço, escolhemos, para apresentar os referidos excertos, uma sequência que se nos afigura acertada para tal.

Em 1965, numa obra que ainda hoje é referência, Andrée Crabbé Rocha escreve que «a carta [...] corresponde a uma necessidade profunda do ser humano. Comunicare não implica apenas uma intenção noticiosa: significa ainda “pôr em comum”, “comungar”. Escreve-se, pois, ou para não estar só ou para não deixar só»<sup>9</sup>.

Sendo, como alguém já o disse, cremos que Michelle Perrot, o mais público dos actos privados, escrever uma carta logo suscita, pelo menos, uma questão que escapa à esfera do controle do seu autor – «à la longue», no mínimo, que destino será o seu?

Não, não é por aí que queremos ir agora. De qualquer forma, o certo é que o simples facto de ser possível que hoje as evoquemos, lhes confere um carácter especial. Isto porque, ainda segundo Crabbé Rocha, a carta é uma «lição de fraternidade, em que as palavras substituem os actos ou os gestos, vale no plano afectivo como no plano espiritual, e participa, embrionária ou pujantemente, do mecanismo íntimo da literatura – dádiva generosa e apelo desesperado, ao mesmo tempo»<sup>10</sup>. Por ser assim, percebe-se em todas as cartas que escolhemos que, por mais diversos que sejam os seus propósitos, o tom pessoal e intimista que lhes subjaz muito as aproxima – afinal, juntos atravessamos séculos, descobrimos e inventamos o mundo, procuramos o sentido da vida, amamos, sofremos, experimentamos sentimentos que até se nos afiguram únicos por tão genuinamente brotarem de nós. Essencialmente, temos em comum muito mais do que imaginamos – a condição de seres humanos, mesmo que cada vida seja única e irrepetível.

Partamos das palavras que escolhemos para o título deste texto, roubadas a José Luís Peixoto:

*Se te quiserem convencer de que é impossível, diz-lhes que impossível é ficares calado, impossível é não teres voz. Temos direito a viver. Acreditamos nessa certeza com todas as forças*

<sup>9</sup> ROCHA, 1965: 13.

<sup>10</sup> ROCHA, 1965: 13.

*do nosso corpo e, mais ainda, com todas as forças da nossa vontade. Viver é um verbo enorme, longo. Acreditamos em todo o seu tamanho, não prescindimos de um único passo do seu/nosso caminho. [...] Vida, se nos estás a ouvir, sabe que caminhamos na tua direcção. A nossa liberdade cresce ao acreditarmos e nós crescemos com ela e tu, vida, cresces também. Se te quiserem convencer, vida, de que é impossível, diz-lhes que vamos todos em teu resgate, faremos o que for preciso e diz-lhes que impossível é negarem-te, camuflarem-te com números, diz-lhes que impossível é não teres voz<sup>11</sup>.*

Avançando e recuando no tempo, de forma deliberada como acima referimos, pareceu-nos interessante recolher testemunhos vários – os que de seguida citaremos – com o principal intuito de mostrar que por mais diversos que sejam os contextos, o ser humano, no mais íntimo de si, guarda o amor como cerne da Vida: o amor apaixonado; o amor pelos filhos; o amor aos outros; o amor a Deus; o amor à palavra que é poesia, à natureza, à beleza; o amor à verdade, à ciência, à descoberta; enfim, o amor que dói mas que, ao mesmo tempo, apazigua. «Como a água que corre» (Yourcenar), deixemos fluir a Vida, como que ao sabor das nossas memórias...

Cartas há que ditam o destino do mundo, de um país, de uma geração, de uma família, de alguém em particular. Escritas com um propósito específico podem, acidentalmente, inscrever-se nesse contexto ou proporcioná-lo de forma deliberada.

Tomemos, a título de exemplo, a carta que, no dia 1.º de maio do ano de 1500, Pero Vaz de Caminha envia a El-Rei D. Manuel, desde Terras de Vera Cruz:

*Snõr*

*posto queo capitam moor desta vossa frota e asy os outros capitaães screpuam avossa alteza anoua do achamento desta vossa terra noua que se ora neesta naue gaçam achou. nom leixarey tam bem de dar disso minha comta avossa alteza asy como eu melhor poder ajmda que perao bem contar e falar o saiba pior que todos fazer. / pero tome vossa alteza minha jnoramçia por boa vomtade. aqual bem çerto crea q[ue] por afremosentar nem afear aja aquy de poer ma is caaquilo que vy e me pareçeo<sup>12</sup>.*

É do Brasil que se fala aqui. Da descoberta de um novo mundo; de uma realidade desconhecida, mas já promissora. O Escrivão d' El-Rei cumpre o seu dever. Ao fazê-lo, oferece à posteridade uma peça de incontornável significado e valor, até por se tratar de um dos mais importantes testemunhos da epistolografia renascentista.

Jean Lebel, citado por Van Houdt e Papy, refere que a arte de escrever cartas e a arte de viajar eram absolutamente indissociáveis no início da era Moderna. Não é coincidência, portanto, que as cartas, nesta altura, se revistam de conteúdos muito específicos – geográficos e etnográficos – assumindo um lugar de relevo no contexto da própria literatura. Assim, Van Houdt e Papy questionam a consciência literária dos autores de tais peças. Seriam sobretudo impulsionados pelos interesses europeus associados às desco-

<sup>11</sup> PEIXOTO, 1989: 323/324.

<sup>12</sup> CAMINHA, 1500.

bertas e à colonização do Novo Mundo? Derivariam a sua notoriedade e credibilidade do facto de não haver forma de contrapor/contradizer o que era registado, por não haver literatura «do lado de lá»<sup>13</sup>?

Não sendo nosso propósito alimentar tal polémica, não deixa de nos parecer apropriado referi-la aqui.

Nada de semelhante, porém, se poderá afirmar acerca destas linhas que, 400 anos mais tarde, em finais da década de 90 do século XIX, uma «personagem de vida requintada e elevada», de nome Carlos Fradique Mendes, escreve a sua Madrinha, Madame de Jouarre:

*É o Comendador Pinho um cidadão inútil? Não, certamente. Até para manter em estabilidade e solidez a ordem de uma nação, não há mais prestadio cidadão do que este Pinho, com a sua placidez de hábitos, o seu fácil assentimento a todos os feitos da coisa pública, a sua conta do banco verificada às sextas – feiras; os seus prazeres colhidos em higiénico recato, a sua reticência, a sua inércia. De um Pinho nunca pode sair ideia ou acto, afirmação ou negação, que desmanche a paz do Estado. Assim gordo e quieto, colado sobre o organismo social, não concorrendo para o seu movimento, mas não o contrariando também, Pinho apresenta todos os caracteres de uma excrescência sebácea. Socialmente, Pinho é um lobinho. Ora nada mais inofensivo que um lobinho: e nos nossos tempos, em que o Estado está cheio de elementos mórbidos, que o parasitam, o sugam, o infecionam e o sobreexcitam, esta inofensibilidade de Pinho pode mesmo (em relação aos interesses da ordem) ser considerada como qualidade meritória. Por isso o Estado, segundo corre, o vai criar barão. E barão de um título que os honra a ambos, ao Estado e a Pinho, porque é nele simultaneamente prestada uma homenagem graciosa e discreta à família e à religião. O pai de Pinho chamava-se Francisco – Francisco José Pinho. E o nosso amigo vai ser feito barão de S. Francisco*<sup>14</sup>.

Eis um primoroso retrato pintado por quem conhecia bem a sociedade portuguesa de finais de oitocentos e lhe desnudava os artifícios com incomparável mestria. Falamos, obviamente, de José Maria d'Eça de Queiroz. Entre barões e viscondes, El-Rei D. Carlos ia tentando encontrar um equilíbrio que pudesse sustentar o país. Eça não chegou a assistir ao infausto resultado de tal pretensão. Morreu em 1900, 8 anos antes do regicídio.

Em finais do século IV, Santo Agostinho, nas *Confissões*, escrevia:

*Encontrei muitos com desejo de enganar outros, mas não encontrei ninguém que quisesse ser enganado. Onde conheceram eles esta vida feliz? Não foi onde alcançaram o conhecimento da verdade? Amam a verdade porque não querem ser enganados; e, ao amarem a verdade feliz, que não é mais que a alegria oriunda da verdade, amam, com certeza, também a verdade. Não a poderiam amar, se não tivessem na memória qualquer noção de verdade. E porque é que não encontram nela a sua alegria? Porque não são felizes? Não são felizes porque, entregando-se com demasiado afincio a outras ocupações que, em vez de ditosos os tornam ainda mais desgraçados, recordam, apenas frouxamente, aquela verdade que os pode fazer felizes. «Por*

<sup>13</sup> Self-presentation, 2002: 9.

<sup>14</sup> QUEIRÓS, 1977: 182.



enquanto ainda há uma luz entre os homens»; caminhem, caminhem depressa «para que as trevas os não surpreendam!<sup>15</sup>».

Adiante mencionaremos as confissões de um outro homem, 17 séculos mais tarde.

Pablo Neruda, ao comemorar 50 anos de existência, e discursando na Universidade do Chile, conta:

*Avançando, há anos, pelo interior do lago Ranco, pareceu-me encontrar a fonte da pátria ou o berço silvestre da poesia, atacada e defendida por toda a Natureza. O céu recortava-se entre as copas dos ciprestes, a aragem removia as substâncias balsâmicas da espessura, tudo tinha voz e era silêncio. O sussurro das aves escondidas, os frutos e fragmentos de casca das árvores que, caindo, roçavam as folhagens, tudo estava suspenso num instante de solenidade secreta, tudo na selva parecia esperar. Era eminente um nascimento, e o que nascia era um rio. Não sei como se chama, mas as suas primeiras águas, virgens e escuras, eram quase invisíveis, débeis e silenciosas, procurando uma saída entre os grandes troncos mortos e as pedras colossais. Com mil anos de folhas caídas na sua fonte, todo o passado o queria deter, mas apenas lhe embalsamava o caminho. O jovem rio destruíra as velhas folhas mortas e impregnava-se de frescura nutrícia que iria repartindo no seu curso. Pensei: é assim que nasce a poesia<sup>16</sup>.*

Quando, no início de Maio de 2016, Paulo Varela Gomes morreu, de imediato procuramos a carta que ele próprio havia publicado, mais ou menos um ano antes, carta para sempre gravada na nossa memória e no nosso coração – «Morrer é mais difícil do que parece». De uma beleza e lucidez excepcionais, aqui está um excerto:

*A vida é muito menos cheia de prosápia do que a morte. É uma espécie de maré pacífica, um grande e largo rio. Na vida é sempre manhã e está um tempo esplêndido. Ao contrário da morte, o amor, que é o outro nome da vida, não me deixa morrer às primeiras: obriga-me a pensar nas pessoas, nos animais e nas plantas de quem gosto e que vou abandonar. Quando a vida manda mais em mim do que a morte, amo os que me amam, e cresce de repente no meu coração a maré da vida. Cada lágrima que me escorre por vezes pela cara ao adormecer, cada aperto de angústia na garganta que sinto quando acordo de manhã e me lembro de que tenho cancro, cada assomo de tristeza que me obriga a sentar-me por vezes à beira do caminho quando vou passear com os cães e interrompe a oração ou a conversa com o céu que me embala o espírito, cada um destes sinais provém do falhanço momentâneo do amor dos outros em amparar-me, e sobretudo do meu em permitir-lhes que me acompanhem. Quando, pelo contrário, decorre um dia em que consigo escrever e gosto daquilo que escrevo, em que me curvo sobre os canteiros para cortar ervas daninhas, em que admiro amorosamente a energia da Patrícia sentada ao computador ou a trazer lenha para casa, quando isto sucede, o meu tempo já não é o Tempo Comum mas antes um longo domingo de Páscoa: sinto a presença amorosa de todos os que precisam de mim e d'Aquele de quem eu preciso<sup>17</sup>.*

<sup>15</sup> AGOSTINHO, 1942: 330/331.

<sup>16</sup> NERUDA, 2010: 268/269.

<sup>17</sup> GOMES, 2015: 17.

Se impossível é não viver, há que considerar um outro verbo, conjugado em todos os tempos e modos: Sobreviver.

Pelo Amor, que como há pouco ouvimos, é o outro nome da Vida, ao longo de 300 cartas, António Lobo Antunes mostra-nos o que é viver na adversidade. Aos 28 anos, em 1971, poucos meses depois de ter casado, vê-se em Angola, no meio da guerra que, para sempre, o marcará. Ao longo de 2 anos, escreve quase diariamente a sua Mulher, Maria José, que ama com todas as suas forças: «Minha linda jóia; Minha querida jóia; Meu Amor; Meu querido Amor; Minha Zézinha adorada e querida...» – À mulher a quem se destinam estas cartas, pede, no dia 17 de Maio de 1971:

*Olha eu gosto tudo de ti! Eu gostava que pusesses na casa aquela fotografia do nosso casamento que me agrada mais em que te estás a rir muito e eu de boca aberta, aparvalhado, como de costume de felicidade<sup>18</sup>.*

No dia seguinte continua:

*A falta de interesse das minhas cartas deve mostrar bem que os meus miolos se transformaram na areia que cobre tudo. Sinto-me estúpido e vazio, e quase tenho vergonha de exibir a minha idiotia em cartas... a falta de estímulos mentais está a tornar-me num chico... tenho a impressão de que só digo banalidades e parvoíces e graças parvas. O meu quociente de inteligência deve andar a roçar a imbecilidade. Perdoa. Isto é um triste deserto. Arbustos ralos, árvores de vez em quando, lagoas estagnadas e, agora, frio. Noites geladas e sem lua, dias frescos. Tosses e gripes. Como custa viver aqui!<sup>19</sup>*

E mais adiante:

*Por que será que toda a gente tem mais sorte do que eu? A única sorte que tenho és tu. E, pensando bem, é a maior de todas porque ninguém se te compara meu lindo querido e adorado amor. Apetece-me tanto tocar-te e sentir-te e apertar-te. Milhões e milhões e milhões de beijos. Eu adoro-te<sup>20</sup>.*

E, antes de assinar «o teu marido António», escreve, 7 vezes, «Meu Amor».

As cartas de amor são um género fecundo. Em verso ou em prosa resultam, como diz Marie-Christine Pais-Simon, das circunvoluções cerebrais tanto dos mais refinados espíritos, como dos mais comuns. Não sujeitas a censura, permitem-nos aceder a uma realidade humana e social com um invulgar cunho de autenticidade<sup>21</sup>.

Também o romance epistolar sem, de todo, assumir tais características, nos transporta para uma «realidade» que resulta de um casamento de conveniência entre o diário e a carta, com a imaginação como intermediária, eventualmente alicerçada em factos

<sup>18</sup> ANTUNES, 2005: 163.

<sup>19</sup> ANTUNES, 2005: 166.

<sup>20</sup> ANTUNES, 2005: 168/169.

<sup>21</sup> PAIS-SIMON, 2002: 79.

conhecidos. Hailton Duarte considera o romance epistolar um género de transição literária<sup>22</sup>.

É verdade que grandes autores podem aqui ser citados. É o caso de Jean-Jacques Rousseau e de «Julie ou La Nouvelle Héloïse» (1761); de Goethe e de «Die Leiden des jungen Werthers» (1774) e de, bem mais recentemente, Amos Oz e de «Black Box» (1986), por exemplo.

Mas é de cartas de amor que queremos continuar a falar, referindo algumas mais.

Álvaro de Campos diz que todas as cartas de amor são ridículas, mas que não seriam cartas de amor se não fossem ridículas. Não deixa, porém, de também dizer, no mesmo mais do que célebre poema, que só as criaturas que nunca escreveram cartas de amor é que são ridículas. Em 5 de Abril de 1920, Ofélia Queiroz, «o bebé pequeno e rabino do Nininho», recebe uma carta em que Fernando Pessoa lhe diz:

*Não te admires de a minha letra ser um pouco esquisita. Há para isso duas razões. A primeira é a de este papel (o único acessível agora) ser muito corredo, e a pena passar por ele muito depressa; a segunda é a de eu ter descoberto aqui em casa um vinho do Porto esplêndido, de que abri uma garrafa, de que já bebi metade. A terceira razão é haver só duas razões, e portanto não haver terceira razão nenhuma. (Álvaro de Campos, engenheiro.) Quem me dera ter a certeza de tu teres saudades de mim a valer. Ao menos isso era uma consolação... Adeus: vou-me deitar dentro de um balde de cabeça para baixo, para descansar o espírito. Assim fazem todos os grandes homens – pelo menos quando têm – 1.º espírito, 2.º cabeça, 3.º balde onde meter a cabeça<sup>23</sup>.*

No ano em que se comemora o centenário do nascimento de Óscar Lopes e de António José Saraiva, vem a propósito este excerto de uma carta enviada a 31 de Agosto de 1969 por António José Saraiva, que se encontra na Rinchoa (Sintra) a Teresa Rita Lopes, longe, em Paris:

*Queridinha – Voltei esta madrugada do Porto. Foram os dias mais felizes e mais cheios que me lembro de ter vivido desde há muitos anos. Tenho lá amigos afectuosos e de uma gentileza de que não conheço comparação. Há uma fidalguia de maneiras que não existe em Lisboa, muito mais salaia, a este respeito. Mal tive tempo para falar com o Óscar. Dei 5 entrevistas (Diário de Lisboa, Diário popular, A Capital, etc.); fiz a sessão de autografagem de livros, em que fiz mais de 700 autógrafos; fui ver 3 vezes a Luísa à Póvoa de Varzim; fiz um colóquio numa cooperativa de jovens. Não tive um momento de meu. À noite, estava exausto, tomava a pílula de dormir e recomeçava no dia seguinte.*

*Isto deu-me uma vida nova e vai marcar a primeira viagem importante do meu estado de espírito desde o desastroso falhanço dos colóquios que fiz em Paris. É evidente que, sem gente à minha volta, sou uma nau em calmaria, a definhar.*

*[...] Estive alojado em casa do Óscar com o Zé e o Pedro. O Óscar está um rapaz, parece irmão do filho Rui Manuel [...]*<sup>24</sup>.

<sup>22</sup> DUARTE, 2002: 163.

<sup>23</sup> PESSOA, 2014: 22.

<sup>24</sup> SARAIVA, 2013: 82/83.

António José Saraiva e Teresa Rita Lopes mantiveram um romance entre meados dos anos 60, altura em que se conheceram em Paris, e meados dos anos 80. Duas pessoas excepcionais que vivem juntas acontecimentos marcantes, como o Maio de 68 e o 25 de Abril, partilham o dia a dia em cartas. As cartas de António José Saraiva mostram-nos um homem de paixões, que não era capaz de viver fora desse quadro avassalador que a vertigem da vida proporciona a alguns.

Passemos, fora da rota do tempo, a dois outros nomes. Dois nomes grandes: Vieira da Silva e Árpád. Lemos-lhes as cartas, que podem parecer pueris. Será que o são? Não, de todo!

A 20 de Outubro de 1938, Maria Helena:

*Meu Drága Bichinha, Estás a ver, é aqui que te escrevo, perto desta janela, com todas estas flores e cortinados sinto-me como se estivesse num pequeno ninho. É tão bonito que tenho vontade de o pintar. Recebi ontem a tua carta, pobre bicho querido, parece-me um pouco melancólico, mas não é preciso, o tempo passa depressa, eu também o sinto, um pouco, mas não é preciso Coco querido, não é preciso. [...]*

*Drága, bichinha querida, puszi puszi, sem ti sinto-me sem sol mesmo no país do sol. Aqui as pessoas são tristes e dá-me vontade de rir das suas lamúrias. Quando penso nas pessoas tão alegres e corajosas que conhecemos... é uma espécie de vício, choramingar, choramingar sempre. Eu digo-lhes francamente o que penso. Vivam, mexam-se e não sejam tão acanhados, tão preguiçosos, não se queixem, não há desgraças na vida, há apenas experiências. Só as doenças é que podem ser desgraças, o resto são experiências. Mas aqui há tanto orgulho em se queixar como em Paris em esconder as misérias<sup>25</sup>.*

E, agora, em 12 de Março de 1947, Árpád:

*Édes drága terna pequena Bichinha, não podes imaginar o prazer que a tua carta me deu. Tão corajosa, tão alegre e espiritual. Verdadeiramente, eu não devia fazer mais nada senão ajoelhar-me diante de ti, minha grande maravilha. Admiro-te ainda mais por conhecer as tuas condições e, ao mesmo tempo, sinto que não me mentes ao descrever as tuas aventuras tão aprazíveis. E tu trabalhas, caramba, enquanto eu, nos primeiros 10 dias, era como um sonâmbulo, incapaz para tudo. Neste momento, trabalho a todo o vapor para te alcançar. Mas peço-te que não te enerves por mim, eu tenho cuidado comigo, dormindo e comendo o suficiente<sup>26</sup>.*

Todos sabemos da atribulada vida de Vieira e Árpád. Juntos durante 55 anos, conservaram as cartas que trocaram um com o outro. A ternura que por elas perpassa de uma forma amorosa, bem ilustra de que modo são eles dois seres inseparáveis.

Marina Bairrão Ruivo escreve, numa bela introdução que consta precisamente do volume intitulado *Escrita Íntima*, o seguinte:

*O aspecto repetitivo de certas fórmulas, os pseudónimos ou diminutivos, fazem parte da própria natureza da escrita íntima, revelando a autenticidade dos sentimentos e da complici-*

<sup>25</sup> SILVA, 2013: 61.

<sup>26</sup> SILVA, 2013: 131.

*dade e o mistério, indecifráveis por terceiros. [...] Comunicavam em francês, numa linguagem que só a eles pertence, com os seus códigos e léxicos próprios, explícitos ou tácitos*<sup>27</sup>.

Em 1789, a 8 de Abril, o genial Wolfgang Amadeus Mozart escreve a sua Mulher, Constança, um dos amores da sua conturbada vida, porém o único com quem casa e que dele enviúva aos 28 anos:

*Minha querida Mulherzinha! Enquanto o Príncipe está ocupado a negociar cavalos, estou deliciado com a oportunidade de te poder escrever algumas linhas, querida Mulherzinha do meu coração. Como é que estás? Será que pensas em mim tantas vezes quantas eu penso em ti? A cada momento miro o teu retrato – e choro, em parte de alegria, em parte de tristeza. Tem cuidado com a tua saúde, tão preciosa para mim, e trata bem de ti, minha querida! Não te preocupes comigo, porque não tenho passado desconfortos nem preocupações nesta viagem – à parte a tua ausência – o que não podendo ser evitado, não pode ser remediado. Escrevo-te este bilhete com os olhos cheios de lágrimas. Adieu. Escrever-te-ei uma carta mais longa e interessante de Praga, porque aí não vou ter que estar com tanta pressa. Adieu. Beijo-te milhões de vezes com a maior ternura e sou para sempre e até à morte teu*<sup>28/29</sup>.

Tem sido sobejamente analisada a correspondência trocada por Freud com vultos conhecidos. Polémicas à parte, escolhemos uma carta que, a 19 de Junho de 1882, Sigmund Freud escreve a Martha Bernays, com quem casa, cerca de 4 anos mais tarde, a 14 de Setembro de 1886, e com quem tem 6 filhos.

Eis um excerto:

*Eu sabia que seria apenas depois de te teres ido embora que iria perceber a completa extensão da minha felicidade e, alas! o grau da minha perda também. Ainda não a consegui ultrapassar, e se não tivesse à minha frente aquela caixinha pequena com a tua doce fotografia, pensaria que tudo não teria passado de um sonho do qual não querería acordar. [...]*

*A tua amorosa fotografia. No início, quando eu tinha o original à minha frente não pensei nada sobre a mesma; mas agora, quanto mais olho para ela mais esta se assemelha ao objecto amado; espero que o rosto pálido se transforme na cor das nossas rosas, e que os braços delicados se desprendam da superfície e prendam a minha mão; mas a imagem preciosa não se move, parece apenas dizer: «Paciência! Paciência! Eu sou apenas um símbolo, uma sombra no papel; a tua amada irá voltar, e depois podes negligenciar-me de novo». Eu gostaria imenso de colocar esta fotografia entre os deuses da minha casa que pairam acima da minha secretária, mas embora eu possa mostrar os rostos severos dos homens que reverencio, quero esconder a face delicada da minha amada só para mim. Vai continuar na tua pequena caixinha e eu não me atrevo a confessar a quantidade de vezes, nestas últimas vinte e quatro horas, que tranquei a minha porta para poder tirar a fotografia da caixa e refrescar a minha memória*<sup>30</sup>.

---

<sup>27</sup> SILVA, 2013: 14.

<sup>28</sup> Mozart, 1956: 234/235.

<sup>29</sup> Nossa trad.

<sup>30</sup> FREUD, 1882.

Na Biblioteca do Congresso, em Washington, conservam-se cartas interessantíssimas, escritas por personalidades diversas às Primeiras Damas americanas.

Quando Mary Todd fica viúva de Abraham Lincoln, a Rainha Vitória escreve-lhe de uma forma tocante. Trata-se de uma carta datada de 29 de Abril de 1865. Não é uma simples carta de circunstância, mas antes a expressão de um sentimento de dor profunda que a monarca viúva quer fazer chegar a quem poderá entendê-la. Citamos apenas um parágrafo:

*I am still utterly broken-hearted by the loss of the Light of my Life – my Stay – my All. I have been there, and I know how much it hurts*<sup>31</sup>.

A Rainha refere-se à morte do Príncipe Alberto, 4 anos antes, em 1861, morte esta que a deixou de tal maneira acabrunhada, que houve quem chegasse a duvidar da sua capacidade para continuar a reinar. A dor foi imensa. Também o foi a de Mary Todd Lincoln, que perdeu 3 dos seus 4 filhos, um dos quais, Thomas (Tad), 6 anos depois do assassinato de Lincoln.

Entre os conselhos que os Pais transmitem a seus filhos, inúmeras vezes registados em cartas de teor absolutamente pessoal, aqui fica este curioso testemunho de Maria Teresa de Áustria, dirigido a sua filha Maria Carolina, Rainha de Nápoles entre 1768 e 1806, altura em que Napoleão força o Rei Fernando a renunciar ao trono. Na realidade, Napoleão detestava a Rainha de Nápoles, dada a excessos intoleráveis e infames e a intrigas e caprichos. O Imperador chegou a escrever que dela não queria mais ouvir falar, acontecesse o que acontecesse.

A 8 de Maio, então, escrevia Maria Teresa à filha recém-casada:

*Vós tudo tendes para tornar um esposo feliz, é pois neste momento vossa única finalidade agradar-lhe, ser-lhe útil, diverti-lo, uni-lo a vós e não ter qualquer outro pensamento ou objetivo que não ele, sem sombra de mau humor ou de impaciência, sempre alegre, sempre doce, eis os únicos laços pelos quais podemos conquistar e manter a estima e a ternura dos nossos esposos, os únicos que podem tornar-nos felizes, tanto quanto se pode neste mundo, como vós bem o sabeis*<sup>32</sup>.

Apesar das boas recomendações de sua Mãe, Maria Carolina sempre agiu unicamente de acordo com os seus próprios interesses.

É certo que uma Mãe, nos dias de hoje, não transmitiria tal receita a uma filha, mas ainda a Revolução Francesa não tinha acontecido... Em todo o caso, não esqueçamos que foi Maria Antonieta, e não Maria Carolina, quem, mesmo agradando ao marido, e sendo tão diferente de sua irmã, perdeu a cabeça na guilhotina!

Sensivelmente 2 séculos antes, o grande Felipe II escreve, de Lisboa, às Infantas suas filhas, que se encontram no Escorial, perto de Madrid. Era o tempo da União Ibérica. A carta está datada de 19 de Março de 1582:

<sup>31</sup> YOUNG, 2008: 30.

<sup>32</sup> LAGO, 2004: 66.



*De vós, todos me dão boas novidades e dizem-me que estais muito grandes. Assim sendo, deveis ter crescido muito, pelo menos a mais nova. Se vos puderdes medir, dizei-me quanto haveis crescido desde que vos vi pela última vez e enviai-me as vossas medidas, muito bem tiradas, em faixas, e também a de vosso irmão, que folgarei em vê-las, ainda que mais folgaria em ver-vos a todos. Espero em Deus que vos veja brevemente e assim pedi-o vós e que ordene tudo de maneira a que assim possa ser. Que Ele vos guarde, como é meu desejo<sup>33</sup>.*

São as palavras de um Pai sensível que muito ama seus filhos e que deles sempre se despedia escrevendo «o vosso bom pai».

Em 1535, cerca de 1 ano depois de Sir Thomas More, Lord High Chancellor de Inglaterra entre 1529 e 1532, ter sido encarcerado na Torre de Londres (Abril de 1534), a família vê-se em grandes dificuldades. Alice Middleton, com quem More tinha casado, em 1511, depois de enviudar de Jane Colt, que lhe havia deixado 4 filhos, escreve a Thomas Cromwell, na altura principal secretário do Rei.

*A razão por que vos escrevo de novo é dar-vos conta, e à vossa autoridade, da minha grande e extrema necessidade. Não só pelos encargos com a minha própria casa, como também pelo dever de todas as semanas pagar quinze xelins pelo alojamento e alimentação do meu pobre marido e do seu criado. Por isso fui compelida, por absoluta necessidade, a vender boa parte do meu vestuário, por não ter outro modo de arranjar dinheiro.*

*Por esta razão, humildemente vos apresento esta minha petição solicitando que vos digneis orientar-me e aconselhar-me, pois bom seria que intercedêsseis junto do Rei.*

*Humildemente suplico o vosso especial empenho e a vossa bondade, que sejam pelo amor de Deus, no sentido de auxiliar e confortar o meu pobre marido e eu própria, nesta altura de dificuldade, idade avançada e necessidade<sup>34/35</sup>.*

A determinação de Henrique VIII, de todos conhecida, não poupa More, que é decapitado no dia 6 de Julho de 1535. Lady Alice jamais poderia ter contado com os bons ofícios de Cromwell, pese embora a sua proximidade com o Rei. O mesmo Rei que, 5 anos depois, fará com que tenha igual sorte e venha, também, a ser decapitado, qual ironia do destino...

Anteriormente referimos que haveria outras confissões – são as de um jovem escritor, ou não tão jovem como isso, mas que assim preferiu considerar-se ao escrevê-las: Umberto Eco conta-nos, com o seu inimitável espírito, que

*no início do ano de 1978, uma amiga minha que trabalhava para uma pequena editora disse-me que estava a pedir a escritores que não fossem romancistas (filósofos, sociólogos, políticos, etc.) que escrevessem uma pequena história de detectives. Pelos motivos que acabo de mencionar, respondi que não estava interessado em escrita criativa e que tinha a certeza de que era absolutamente incapaz de escrever um bom diálogo. Concluí (não sei porquê) dizendo em tom*

<sup>33</sup> Cartas, 1998: 135.

<sup>34</sup> Famous letters, 194?: 326.

<sup>35</sup> Nossa trad.

*de provocação que, se tivesse de escrever um policial, este teria pelo menos quinhentas páginas e passar-se-ia num mosteiro medieval. A minha amiga disse-me que não estava interessada num romance sem qualidade escrito apenas para ganhar dinheiro, e a nossa reunião terminou ali. Assim que cheguei a casa, vasculhei as gavetas da minha secretária e encontrei um rascunho do ano anterior – um papel onde tinha escrito alguns nomes de monges. Isto significava que na parte mais secreta da minha alma já tinha começado a formar-se a ideia para um romance, mas eu não tinha consciência disso. Nesse ponto, tinha-me ocorrido apenas que seria interessante envenenar um monge enquanto este estava a ler um livro misterioso, mais nada. Comecei então a escrever «O Nome da Rosa». Após a publicação do livro, as pessoas perguntavam-me frequentemente por que motivo tinha decidido escrever um romance, e os motivos que eu apontava (e que variavam segundo a minha disposição) eram provavelmente todos verdadeiros. Mais tarde percebi que a única resposta certa era que num determinado momento da minha vida senti a necessidade de o fazer – e creio que esta explicação é suficiente e razoável<sup>36</sup>.*

Já Albert Einstein, respondendo, 5 dias depois, a uma carta de 19 de Janeiro de 1936, que uma jovem estudante de Riverside, na Califórnia, lhe envia, diz:

*Os cientistas acreditam que todos os acontecimentos, incluindo as acções dos seres humanos, são causados pelas leis da natureza. Por isso um cientista não pode inclinar-se a pensar que um fluxo de eventos pode ser influenciado por orações, ou seja, pelo desejo manifestado sobrenaturalmente. No entanto, temos de admitir que o nosso conhecimento actual destas forças é insuficiente, pelo que a crença na existência de um espírito final e todo-poderoso assenta somente na fé. Tal crença é ainda predominante apesar das actuais conquistas da ciência. Por outro lado, toda a gente que está seriamente envolvida nas ciências acaba por se convencer que há algum espírito que se manifesta nas leis do universo, um que é muito superior ao do homem. Desta forma, o estudo das ciências leva a uma sensação religiosa especial, que será certamente muito diferente de uma religiosidade mais ingénua<sup>37</sup>.*

György Lukács e Anna Seghers, dois intelectuais incontornáveis, mantiveram uma interessantíssima discussão epistolar entre 1938 e 1939, um período difícil da história da Europa, a propósito de questões fulcrais do âmbito da literatura e da arte.

Em Fevereiro de 1939, escreve Anna Seghers:

*Na verdade, na minha carta atribuía grande importância precisamente ao passo em que se falava da crítica, ou seja, ao problema de saber se a crítica não deve sujeitar-se aos mesmos métodos e às mesmas leis que tu exiges para as obras de arte. Claro que não quiseste dar-me uma varinha de condão. Mas também os erros do feiticeiro não dependiam da vara, mas sim da circunstância de a ter esquecido<sup>38</sup>.*

No dia 2 do mês seguinte, responde Lukács:

<sup>36</sup> ECO, 2012: 35.

<sup>37</sup> EINSTEIN, 2005: 85.

<sup>38</sup> LUKÁCS, 1968: 52/53.

*Escreves que o problema é saber «se a crítica não deve sujeitar-se aos mesmos métodos e às mesmas leis que tu exigis para as obras de arte». Se com isto queres dizer apenas que também a crítica deve traduzir a mesma realidade de que a obra de arte é imagem, estou inteiramente de acordo. Neste caso a palavra «arte» não significa senão a capacidade de dominar um material. Mas se entendes a palavra na sua verdadeira acepção, isto é, se não queres considerar a crítica como um ramo da ciência e da publicística, então as nossas ideias divergem profundamente. Nesta hipótese teremos de iniciar uma discussão inteiramente nova [...]»<sup>39</sup>.*

Aproximando-se o final deste texto, não podemos deixar de referir, de Fernando Mascarenhas, Marquês de Fronteira, «Sermão ao meu Sucessor». António Mascarenhas, actualmente Marquês desde 2014 (aliás, o 13.º deste título), tinha 15 anos, quando ouviu, de seu Tio, estas palavras:

*António, há sete anos li, nesta mesma sala, lugar de representação por excelência desta casa, o meu primeiro Sermão. Estava a sala cheia, mas tu, o destinatário, não estavas. Tinhas, nessa altura, oito anos; hoje tens quinze e estás aqui na minha frente. Hoje posso falar contigo olhos nos olhos, mas não preciso de te olhar para saber que, neste momento, estás a corar, aflito com o facto de as atenções se virarem para ti. Envergonhado e sem saber bem como te hás-de sentar na cadeira, pensas com os teus botões: «o tio é um chato, escusava de me atrapalhar ainda mais do que eu já estou». Perdoa-me, mas o prazer de te ter na minha frente tornou irresistível este pequeno excursus. Há sete anos falei-te da maneira de estar na vida e da importância da relação entre o eu e o outro e procurei dar-te, a ti e a quem me quis ouvir ou ler, aquilo que aprendi com ela sobre como estar bem consigo mesmo e com os outros, que afinal acaba por ser uma e a mesma coisa. Falei-te também do que me parecia ser o dever de todo o ser humano: comportar-se com nobreza de alma, sem a qual não é possível estar de bem nem consigo nem com ninguém [...]»<sup>40</sup>.*

Sendo certo que estes breves excertos, alguns retirados de longas cartas, para além de muito mais, são, no seu conjunto, uma forma de celebração da Vida, é igualmente verdade que nos indicam, cada um de modo diferente, ou talvez não, um rumo.

Por isso escolhemos, para encerrar esta «viagem na máquina do tempo», os parágrafos finais de uma carta dirigida, em 11 de Junho de 2002, por Luís Pereira Leite, Professor Catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e então Director do Serviço de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital de S. João a João Bernardes, hoje também ele Professor Catedrático da mesma Faculdade:

*Em meu entendimento este deve ser o objectivo prioritário da nossa luta. Partir do princípio de que não temos força para ganharmos é esquecer-nos do poder da razão e da bondade dos nossos argumentos no contexto do interesse nacional, regional e comunitário. Penso que o êxito depende fundamentalmente da força das nossas convicções.*

*Ao chegar ao fim tenho a sensação de que esta carta não é mais do que um desabafo.*

<sup>39</sup> LUKÁCS, 1968: 63.

<sup>40</sup> MASCARENHAS, 2003: 43.

*Contudo, se ela lhe merecer algum comentário ou reflexão já terá valido a pena escrever-lha. De qualquer modo veja nela uma manifestação de estima e consideração pessoal.*

*Por último não resisto à tentação de lhe recordar os melódicos chamamentos de Caribdis, dissimuladores do apetite insaciável que a condenou ao desterro punitivo. Há que fugir desses apelos tão aliciantes como perigosos sem esquecer que do outro lado do estreito está Cila, o monstro, à espera dos desprevenidos. Mas quem passa entre Cila e Caribdis fica na História<sup>41</sup>.*

Incontáveis são as formas de exprimir a Vida – Pensamento e Acção; Ser e Estar.

Pretendemos, sobretudo, deixar falar aqueles que assinaram o seu nome no fim de cada uma destas cartas, sem tecer considerações minimamente longas a seu propósito. Se tal opção lhes não faz jus, fiquemos, pelo menos, com a certeza de que mesmo o que parece simples, só o parece por, na realidade, ser complexo.

No correr dos tempos há, por exemplo, momentos particularmente assinaláveis que se afirmam como rupturas e revoluções. Tendo em conta o que a escrita íntima revela – quantas vezes uma autêntica contradição entre as palavras e os actos ou a aparência, pareceu-nos pertinente referir o Surrealismo como um desses momentos: no início dos anos 20 do século passado, há quase 100 anos, o Surrealismo surgiu com a pretensão de resolver a anterior contradição entre real e irreal, consciente e inconsciente, fora do habitualmente considerado «nonsense» puro e simples. André Breton, em *Les Champs Magnétiques*, assume que as palavras escritas, provindas do subconsciente, se inscrevem num domínio muito mais lógico do que ilógico, verdadeiro, normal até pelo seu registo surpreendente, como, de resto, o ser humano o é no que tem de mais genuíno.

Foi à obra de Breton e Soupault que, em 1989, uma banda de Boston, de «indie pop», foi buscar o nome. Pela mão de Stephin Merritt surgiram «The Magnetic Fields». Em 1999, prestes a entrar num novo milénio, Merritt compôs *The Book of Love*. Numa versão que não é a original – é uma interpretação de Peter Gabriel e data de Março de 2011, é-nos oferecida uma carta de amor com música ao fundo:

*The book of love is long and boring  
No one can lift the damn thing  
It's full of charts and facts, some figures and instructions for dancing*

*But I,  
I love it when you read to me.  
And you,  
You can read me anything.*

*The book of love has music in it,  
In fact that's where music comes from.  
Some of it is just transcendental,  
Some of it is just really dumb.*

---

<sup>41</sup> Homenagem, 2006: 31.

*But I,  
I love it when you sing to me.  
And you,  
You can sing me anything.*

*The book of love is long and boring,  
And written very long ago.  
It's full of flowers and heart-shaped boxes,  
And things we're all too young to know.*

*But I,  
I love it when you give me things.  
And you,  
You ought to give me wedding rings.*

*And I,  
I love it when you give me things.  
And you,  
You ought to give me wedding rings.  
You ought to give me wedding rings<sup>42</sup>.*

Em jeito de conclusão, não podemos deixar de referir o quanto é fácil perceber que subjacentes à totalidade das cartas referidas estão sentimentos de todos os tempos e de todos os lugares. O Homem, na sua essência, acalenta o sentir que lhe é parte do uno. Pode expressá-lo de formas diversas, consoante o contexto temporal e espacial em que se encontrar, mas o certo é que pelo seu próprio punho torna esta afirmação indesmentível.

De facto, Lavoisier tinha toda a razão quando afirmava, na 2.ª metade do século XVIII, que «Na Natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma». Presumidamente, atrevemo-nos a acrescentar que connosco se passa o mesmo.

Entretanto, deixamos aqui ficar as palavras avisadas e sempre actuais de Frei Heitor Pinto que, por volta de 1570, escreve o seguinte:

*Outras cousas muitas, disse o negociante, me têm acontecido desta qualidade, que seriam longas de contar, de grandes amigos meus, dalguns dos quais vivo eu separado por apartamentos de lugares, mas não de corações, porque os liames das vontades não são corporais, mas espirituais: e carteamo-nos muitas vezes, porque o amor e o engenho humano acharam este remédio para os ausentes, que certo foi admirável. Porque com as cartas familiares alegram-se os espíritos dos verdadeiros amigos, recreiam-se os corações, desenfadam-se os entendimentos, sabem-se novas dos amigos que, sendo ausentes, os fazem as epístolas parecer presentes: enfim são elas conservadoras da amizade. Uma das cousas que muito folgo de ver é uma carta dum meu amigo. Assim como um homem depois de muito cansado e enfadado se vai a um deleitoso jardim para se recrear, assim eu, enfastiado de trabalhos, para me recrear, tomo na mão uma*

---

<sup>42</sup> MERRITT, 1999.

*carta discreta dalgum meu amigo, e entro por ela como por um fresco vergel, e excelente pomar, onde vejo flores de eloquência, e frutos de sentenças, e palavras nascidas de amor, e significadoras de grande lealdade, que dão maravilhoso mantimento ao coração. E quanto as epístolas são maiores, tanto mais folgo de as ver, em especial quando me algum amigo roga que faça por ele alguma cousa, e se espraia nisto em palavras*<sup>43</sup>.

## BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINHO, Santo (1942) – *As Confissões*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa.
- ANTUNES, António Lobo (2005) – *Deste viver aqui neste papel descripto: cartas da guerra*. Org. de Maria José Lobo Antunes e Joana Lobo Antunes. Lisboa: Dom Quixote. ISBN 9722028987.
- CAMINHA, Pero Vaz de (1500) – *Carta do achamento do Brasil*. [http://purl.pt/162/1/brasil/obras/carta\\_pvcaminha/index.html](http://purl.pt/162/1/brasil/obras/carta_pvcaminha/index.html). consulta efetuada em 24 de maio de 2017.
- Cartas para duas infantas meninas: Portugal na correspondência de D. Filipe I para suas filhas, 1581-1583*. Org., int. e notas de Fernando Bouza Alvarez. (Anais: Biblioteca de História, 28). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998. ISBN 972201529X.
- CONSTABLE, Giles (1976) – *Letters and letter-collections*. (Typologie des Sources du Moyen Âge Occidental, 17). Turnhout: Éditions Brepols.
- DUARTE, Hailton Pacheco (2002) – *Le Journal, la lettre et le roman: um mariage de convenance aux teintes realistes*. «Je vous écrit». Dir. de Anne-Marie Quint. (CREPAL, 9). Paris: Presses Sorbonne Nouvelle. ISBN 2878542460.
- ECO, Umberto (2012) – *Confissões de um jovem escritor*. Lisboa: Livros Horizonte. ISBN 9789722417655.
- EINSTEIN, Albert (2005) – *Querido Professor Einstein*. Org. de Alice Calaprice. Porto: Asa. ISBN 9724143104.
- Famous letters and speeches*. Ed. by L. F. Rushbrook Williams. London: Odhams Press, [194?].
- FREUD, Sigmund (1882) – *Carta de amor a Martha Bernays*. <http://www.citador.pt/textos/carta-de-amor-sigmund-freud>. consulta efetuada em 24 de maio de 2017.
- GOMES, Paulo Varela (2015) – *Morrer é mais difícil do que parece*. «Granta», 5: Falhar Melhor. Lisboa: Tinta da China. ISBN 9789896712600.
- GUEDES, Nuno Miguel (2012) – *Alguns aforismos sobre cartas para uso das crianças e do povo*. «Egoísta», 48. Lisboa: Estoril-Sol (III). ISSN 08747407.
- Homenagem a Luís Pereira Leite: 1/9/1932 – 28/9/2005*. Org. de Belmiro Patrício e João Bernardes. Porto: Faculdade de Medicina, 2006.
- LAGO, Pedro Corrêa do (2004) – *Cinco séculos a papel e tinta: autógrafos e manuscritos da coleção Pedro Corrêa do Lago*. Porto: Edições Afrontamento. ISBN 9723607220.
- LUKÁCS, György. SEGHERS, Anna (1968) – *O Escritor e o crítico*. (Cadernos de Literatura, 3). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- MASCARENHAS, Fernando (2003) – *Sermão ao meu sucessor*. Lisboa: Dom Quixote. ISBN 9722025767.
- MERRITT, Stephin (1999) – *The Book of love*. <https://www.youtube.com/watch?v=drAG4asyyp8>. consulta efetuada em 24 de maio de 2017.
- Mozart's Letters* – Ed. and introd. by Eric Blom. (Pelican Books, A238). Harmondsworth: Penguin Books, 1956.
- NERUDA, Pablo (2010) – *Nasci para nascer*. (Grandes Clássicos do Século XX). Mem Martins: Publicações Europa-América. ISBN 9789721061156.
- PAIS-SIMON, Marie-Christine (2002) – *Pour bien écrire des lettres d'amour*. «Je vous écrit». Dir. de Anne-Marie Quint. (CREPAL, 9). Paris: Presses Sorbonne Nouvelle. ISBN 2878542460.
- PEIXOTO, José Luís (1989) – *Abraço*. Lisboa: Quetzal. ISBN 9789725649367.

<sup>43</sup> PINTO, 1957: 42.



- PESSOA, Fernando (2014) – *Cartas de amor de Fernando Pessoa a Ofélia Queiroz*. Ed. de Manuela Parreira da Silva. (Pessoana, 3). Lisboa: Assírio e Alvim. ISBN 9789720793102.
- PINTO, Heitor, Frei (1957) – *Imagem da vida cristã*. Vol. III. Com pref. e notas do Padre M. Alves Correia. (Coleção de Clássicos Sá da Costa). Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- QUEIRÓS, José Maria d'Eça de (197?) – *A Correspondência de Fradique Mendes*. (Obras de Eça de Queiroz). Lisboa: Livros do Brasil.
- QUINT, Anne-Marie (2004) – *Comment écrire à ses amis: théorie et pratique de l'épistolaire au Portugal (XVIe – XVIIe siècles)*. «Boîte aux lettres». Dir. de Jacqueline Penjon. (CREPAL, 11). Paris: Presses Sorbonne Nouvelle. ISBN 2878542975.
- ROCHA, Andrée Crabbé (1965) – *A Epistolografia em Portugal*. Coimbra: Livraria Almedina.
- ROQUETE, José Inácio (1846) – *Código epistolar ou regras e advertências para escrever com elegância toda a sorte de cartas [...]*. Paris: em casa de J.-P. Aillaud.
- SARAIVA, António José (2013) – *Cartas de amor de António José Saraiva a Teresa Rita Lopes*. Ed. de Ernesto Rodrigues. Lisboa: Gradiva. ISBN 9789896165215.
- SEARA, Isabel Roboredo (2006) – *Da epístola à mensagem electrónica: metamorfoses das rotinas verbais*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Self-presentation and social identification: the rethoric and pragmatics of letter writing in early modern times*. Ed. by Toon Van Houdt, Jan Papy, Gilbert Tournoy e Constant Matheeußen. (Supplementa Humanistica Lovaniensia, 18). Leuven: University Press, 2002. ISBN 9058672123.
- SILVA, Maria Helena Vieira da. SZENES, Árpád (2013) – *Escrita íntima: correspondência, 1932 – 1961*. Coord. de Marina Bairrão Ruivo e Sandra Santos. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. ISBN 9789722722599.
- TAVARES, Gonçalo M. (2007) – *Escrever Falar*. «Egoísta», 30. Lisboa: Estoril-Sol (III). ISSN 08747407.
- YOUNG, Dwight. JOHNSON, Margaret (2008) – *Dear First Lady: letters to The White House*. Washington: National Geographic Society. ISBN 9781426200878.